

Pirandello em encontro de velhos conhecidos

Abujamra dirige e atua em ‘Esta noite se improvisa’, montagem-celebração de aniversário dos Privilegiados

Adriana Pavlova

Opai, por livre e espontânea vontade, decretou a independência da trupe não faz muito tempo. Livres, eles se soltaram e ganharam a vida em novos palcos. Mas, quando chegou a hora de uma festa das boas, correram de volta para o calor dos braços paternos.

Ao completar dez anos de estripulias artísticas, a trupe de atores Os Privilegiados comemora o aniversário ao lado de seu mestre-maior, Antônio Abujamra. O ator e diretor, mentor, em 1990, da idéia de criar um grupo menos preocupado com a viabilidade mercadológica de seu trabalho e mais dedicado à qualidade dos textos encenados, é agora o convidado especial da montagem-celebração de “Esta noite se improvisa”, de Luigi Pirandello.

Primeiro encontro depois da separação consensual

A peça, que estréia amanhã no Teatro 1 do Centro Cultural Banco do Brasil, é o primeiro reencontro dos Privilegiados com Abujamra depois do anúncio da separação consensual do mestre e seus pupilos, no início do ano. A trupe, hoje radicada no Teatro Dulcina, também aproveita a festa para anunciar com a bênção paterna os novos projetos para 2001: a montagem de um texto de Shakespeare e uma colaboração com a Cia. dos Atores, de Enrique Diaz.

— Ser pai é aprender a dar liberdade e dominar a arte de ser desnecessário — diz Abujamra, que assina a adaptação do texto e aproveita a festa para comemorar 50 anos de palco. — Pai é sinônimo de descartável. Agora, depois de uma boa descansada, nós nos encontramos para uma grande celebração, uma unção, um



ANTÔNIO ABUJAMRA à frente do elenco de “Esta noite se improvisa”, peça de Pirandello que estréia amanhã para temporada no CCBB: reencontro do mestre com Os Privilegiados

▶ Dez anos de qualidade no teatro

- Em dez anos, Os Privilegiados (batizados no início de Fodidos Privilegiados) misturaram atores famosos a principiantes, em textos clássicos e outros inéditos.
- 1990: “Phaedra”, de Racine, apresentada em formato de leitura, deu o pontapé pa-

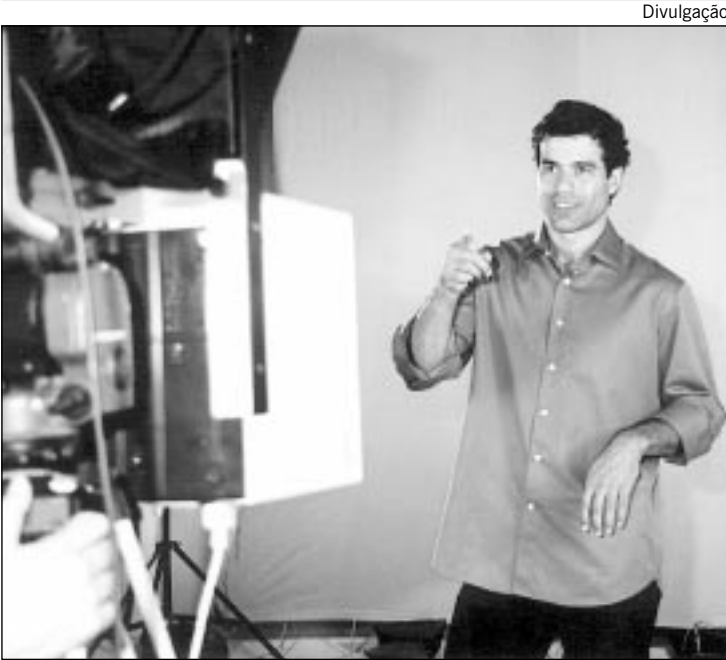
- ra a estréia da companhia no Espaço Cultural Sérgio Porto. Logo depois, eles montaram “Um certo Hamlet”, a própria “Phaedra” e “A serpente”, com participação de Vera Holtz e Claudia Abreu.
- 1995: Com “Exorbitâncias, uma farândola teatral”, o

- grupo retomou os trabalhos e ganhou o formato que se mantém até hoje.
- 2000: No repertório mais recente estão “Tudo no timing”, “As fúrias”, “O auto da compadecida” e “O casamento”. E agora “Esta noite se improvisa”.

os palcos. Da mesma forma, os nossos “Um certo Hamlet” e “O auto da compadecida” também tiveram uma leitura menos convencional.

Em “Esta noite se improvisa”, 18 atores surgem em cena ao lado de Abujamra. Ele interpreta o doutor Hinkfuss, um diretor de teatro que decide fazer um espetáculo no qual os atores têm que improvisar a partir de seus personagens. No segundo ato, revoltados, os atores mandam o diretor embora e passam a trabalhar sozinhos, criando uma nova história.

— Pirandello é mais falado do que encenado. Hoje ele é nome de rua e de restaurante e isso é um absurdo — diz Abujamra. — Ele é um mestre no jogo da mistura de ficção e realidade. O espetáculo oferece a sensação para o público e para os atores de se estar sem-



RAÍ Já gravou quatro chamadas da nova atração, que será semanal

Raí e Futura unem forças em novembro

Ex-jogador terá programa sobre educação e ação social no canal, que completa três anos

Na semana em que celebra seu terceiro aniversário, o Futura (Globosat/Net) anunciou um presente para o seu público. Uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho, responsável pelo canal, e a Fundação Gol de Letra, criada pelo ex-jogador Raí, resultarão na estréia, em novembro, de um programa sobre as ações sociais promovidas pelo terceiro setor.

— Seria óbvio ter o Raí falando de esporte — diz Lúcia Araújo, gerente geral do Futura. — A nós pareceu mais interessante trazer uma pessoa com tal prestígio para falar de ação social e educação.

O programa semanal, que poderá se chamar “Boa notícia” ou “Quem faz a diferença”, terá meia hora e mostrará Raí durante visitas a instituições beneficentes patrocinadas por empresas. O telespectador também descobrirá como se

tornar voluntário de um projeto como este e ficará por dentro do calendário dos eventos ligados a tais ações. A parceria prevê ainda que a Gol de Letra, que atende a 250 crianças, possa usar o “Telecurso 2000” e outros programas da Fundação Roberto Marinho.

— Por acreditar que a cultura e o esporte são o caminho para melhorar o país, sempre assisti ao Futura — conta Raí. — O programa é mais uma chance de difundir a idéia.

Ruth Rocha e Serginho Groisman

Já neste mês de aniversário, o Futura terá novidades. A escritora Ruth Rocha, autora do livro infantil “Odisséia”, vai apresentar uma série sobre o assunto a partir de segunda-feira. E Serginho Groisman deverá estreiar dia 30 à frente de um programa de debates que será gravado em escolas. (Lilian Fernandes) ■

Felizes para sempre: O memorável ‘Dias felizes’ é o melhor do espetáculo

Projeto multidisciplinar encontra nos textos de Beckett seu ponto alto

Barbara Heliodora

TEATRO

CRÍTICA

Adriano e Fernando Guimarães estão apresentando no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil um espetáculo no qual buscam conciliar suas atividades de artistas plásticos e realizadores de teatro; o espectador que vai ver “Felizes para sempre”, formado por dois textos de Beckett, deve primeiro visitar um conjunto de espaços ocupados por instalações criadas pela dupla. Em notas de programa fica explicado que a exploração de um armário cheio de lembranças antigas deixado por sua avó é que inspirou a idéia de explorar memórias, recordações, como fio condutor que interligasse as artes plásticas e o teatro. Muito embora as instalações em si sejam atraentes e trabalhem bem a idéia da memória, a unificação desejada não chega realmente a tomar corpo, talvez até mesmo porque foi inserida entre os dois valores a interferência de um rapaz nu cantando uma valsa, que mais separa do que une o que foi visto e o que vem a ser visto depois.

Falta mecanicidade na execução de “Ir e vir”

A parte teatral é formada por “Ir e vir”, um dos chamados “dramaticulos” de Beckett, uma brincadeira em torno da circularidade de uma idéia passada adiante, e por parte do texto da memorável “Dias felizes”; o primeiro texto é feito com muito cuidado e detalhe, mas mesmo assim falta à execução algo da mecanicidade que Beckett parece pedir para que sua idéia funcione adequadamente. Catarina Acciolly, Miriam Virna e Shala Felippi formam o elenco.



VERA HOLTZ como a Vinnie de “Dias felizes”: trabalho de qualidade

A parte mais interessante do espetáculo é a apresentação dos fragmentos de “Dias felizes” com Vera Holtz e William Ferreira no elenco: um armário semelhante ao das instalações é usado como elemento de ligação, substituindo a terra desértica que Beckett sugere, e a imobilidade a que Vinnie é condenada não fica prejudicada.

Vera Holtz, usando um estranho figurino que afasta Vinnie da rotina da pequena classe média onde Beckett a coloca, faz um trabalho muito inte-

ressante que revela considerável reflexão a respeito do texto; o figurino empresta-lhe um aspecto um tanto *clawnesco* que de algum modo diminui a implacável alegria de Vinnie — e, nem por isso deixa de ter qualidade o trabalho de Vera Holtz. A seu lado, presa de outras deficiências, o Willie de William Ferreira faz um bom contraponto, marcando bem sua presença sem extrapolar, no entanto, dos limites restritivos de seu papel. É uma pena que não tivéssemos “Dias felizes” na íntegra. ■

pre à beira de um precipício.

Logo no prólogo, o diretor-ator abre os trabalhos contando histórias sobre montagens antigas de Pirandello em palcos brasileiros, citando colegas como Fernanda Montenegro, Paulo José e Renata Sorrah. Um clima de festa entre amigos que vai ganhando mais força quando seus pupilos tomam a cena.

Não faltam motivos para comemorar. Hoje, os Privilegiados podem ser orgulhar de terem formado um público cativo e ao mesmo tempo terem conseguido ampliar sua área de ação na cena teatral carioca. Só neste ano eles tomaram o Teatro Villa-Lobos com sucesso para mostrar seu repertório e trabalhos como “O casamento” já chegaram à marca de mais de 30 mil espectadores. ■

Queer as folk

Um retrato preconceituoso do universo gay

Lilian Fernandes

TV

CRÍTICA

Antes de “Queer as folk” entrar no ar, o Eurochannel (TVA) avisa que “o programa contém sexo, nudez, drogas e tema adulto”. Faltava dizer, porém, para quem não domina o inglês e portanto não entende o título da série, que o sexo em questão é entre casais homossexuais. E que é exibido quase sem cortes.

As primeiras cenas deixam claro o que se verá. Os protagonistas, Stuart (Aidan Gillen) e Vince (Craig Kelly), saem em busca de aventura. No minuto seguinte, um amigo deles aparece aos beijos com um rapaz que acaba de conhecer. A seguir, Stuart conhece Nathan (Charlie Hunnam), adolescente que tem com ele sua iniciação sexual — fartamente documentada pelas câmaras.

Não admira que a série tenha atraído espanto e audiência na mesma proporção na Inglaterra. O mais curioso é que tenha sido produzida pelo respeitado Channel 4 e que, segundo o Euro, retrate novos padrões de relacionamento. Será? A julgar pelo primeiro episódio, exibido quarta-feira passada, fica parecendo que homossexuais se contentam com relações promíscuas.

“Queer as folk” bem que tenta ter uma história. Na estréia, Stuart conheceu o bebê que gerou quase acidentalmente. E Nathan provocou curiosidade prometendo contar mais tarde como fez Stuart tornar-se dependente dele. É verdade que alguns espectadores enviaram e-mails para o Eurochannel, manifestando apoio à ousadia do exibidor. Mas fica a impressão de que perdeu-se uma boa oportunidade de fazer boa dramaturgia com o tema. ■